

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA X PANDEMIA: PRÁTICAS DOCENTES EM MEIO À COVID-19 NO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ/MS E MESQUITA/RJ

**Mônica Mendes da Cunha Pestana**

monica.cunha@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

**IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024**

**Resumo.** *Este trabalho traz parte dos resultados de uma dissertação de mestrado que investiga a política de atendimento educacional especializado (AEE) durante a pandemia de COVID-19, tomando como lócus os municípios de Corumbá/MS e Mesquita/RJ. Por meio de análise documental e entrevistas, examina como esses municípios adaptaram suas práticas de AEE para garantir a continuidade do serviço aos alunos com deficiência. Busca-se neste trabalho apresentar as práticas inovadoras de docentes em meio a um período atípico vivido em nossa sociedade, resultados obtidos através de entrevistas com participantes selecionados. Constatou-se desafios, como falta de infraestrutura e gestão dos professores e falta de coordenação por parte das instituições públicas; entretanto destacamos, neste trabalho, as iniciativas docentes, como o uso das tecnologias como aliada, como também as inovações na busca de superar os desafios.*

**Palavras-chave.** *Atendimento Educacional Especializado, COVID-19, Política de Inclusão.*

**Abstract.** *This work brings part of the results of a master's thesis that investigates the policy of specialized educational assistance during the COVID-19 pandemic, taking as locus the municipalities of Corumbá/MS and Mesquita/RJ. Through documentary analysis and interviews, it examines how these municipalities adapted their AEE practices to ensure continuity of service for students with disabilities. This work seeks to present the practices of teachers during an atypical period experienced in our society, results obtained through interviews with selected participants. Challenges were noted, such as a lack of infrastructure and teacher management and a lack of coordination on the part of public institutions; However, in this work, we highlight teaching initiatives, such as the use of technology as an ally, as well as innovations in the search to overcome challenges.*

**Keywords.** *Specialized Educational Assistance, COVID-19, Inclusion policy.*

**Resumen.** *Este trabajo trae parte de los resultados de una tesis de maestría que investiga la política de asistencia educativa especializada (AEE) durante la pandemia de COVID-19, tomando como locus los municipios de Corumbá/MS y Mesquita/RJ. A través de análisis documental y entrevistas, examina cómo estos municipios adaptaron sus prácticas de AEE para garantizar la continuidad del servicio a los estudiantes con discapacidad. Este trabajo busca presentar las prácticas innovadoras de los docentes en medio de un período atípico vivido en nuestra sociedad, resultados obtenidos a través de entrevistas a participantes seleccionados. Se señalaron desafíos, como la falta de infraestructura y gestión docente y la falta de coordinación por parte de las instituciones públicas; Sin embargo, en este trabajo destacamos iniciativas docentes, como el uso de la tecnología como aliada, así como innovaciones en la búsqueda de la superación de desafíos.*

**Palabras clave.** *Servicio Educativo Especializado, COVID-19, Política de Inclusión.*

## 1. Introdução

O presente estudo é parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada “Educação especial em contexto de pandemia: análise do atendimento educacional especializado” que está vinculada institucionalmente ao programa de pós-graduação em educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campus do Pantanal (CPAN) e faz parte da linha de pesquisa “Políticas, práticas institucionais e exclusão/inclusão social”. Se integra ainda ao grupo de pesquisa “Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) e inovação nos processos de escolarização na educação inclusiva: diferentes contextos no Brasil e na Espanha”, projeto que envolve a UFMS e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob coordenação e vice coordenação, respectivamente, das professoras Mônica de Carvalho Magalhães Kassar e Rosália Maria Duarte, enfoque direcionado aos estudos da Educação Especial e Inclusão Escolar. Diante do vínculo com a pesquisa interinstitucional, os entrevistados foram selecionados entre professores que trabalham nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) de Corumbá/MS e Mesquita/RJ, em colaboração com instituições parceiras do grupo de pesquisa.

Dentre as questões que constituíram as entrevistas realizadas com os docentes para o desenvolvimento da pesquisa, delimitamos dois eixos exploratórios que nos possibilitaram compreender inicialmente desde o papel do professor de AEE, sua relação com a sala regular, formações continuadas – ou a falta dela – que constituem seu preparo para o ambiente de AEE. E, posteriormente, direcionados a realidade pandêmica, com questões voltadas as estratégias utilizadas pelas escolas, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores – pela ótica dos professores e o AEE diante desse novo cenário pela visão docente, levantando a questão: houve AEE na pandemia? Ainda que, diante da divisão de eixos e mantendo o

foco central do trabalho nesse período específico, de maneira não aprofundada, nosso trabalho propôs-se a compreender a realidade do AEE sem pandemia para que pudéssemos compreender – comparar – essa nova realidade que estava sendo vivida no AEE em período pandêmico (2020/2021/2022).

Para a análise das gravações, foram selecionados temas abordados pelos participantes, diretamente relacionados aos objetivos que envolviam a pesquisa. Seguimos os procedimentos descritos por Kassar (1995), onde as “vozes” dos participantes foram respeitadas e guiaram a escolha dos tópicos analisados.

De maneira direta, descrevemos neste estudo como a prestação desse atendimento ocorreu durante a pandemia. Investigamos os desafios apontados pelos docentes na realização desses atendimentos e identificamos as estratégias adotadas pelas escolas e pelos docentes para implementá-los.

A partir dos relatos dos entrevistados, constatamos que a falta de coordenação por parte das instituições públicas dificultou a continuidade e a qualidade da oferta dos atendimentos durante a pandemia. A inércia dos gestores escolares em definir claramente o papel dos professores de AEE prolongou o início de um trabalho que já era naturalmente lento e desafiador. Além disso, a adaptação curricular adotada pela maioria dos estados e municípios focou-se em abordagens unilaterais de desenvolvimento, o que resultou na exclusão de alguns alunos com dificuldades específicas na sua implementação.

Nosso trabalho teve como objetivo ampliar a compreensão da educação inclusiva como parte da política de educação especial, especialmente durante a pandemia. Buscamos contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em um período excepcional, do qual o mundo ainda está se recuperando.

## 2. Metodologia

Nossa pesquisa está construída sob uma abordagem qualitativa, visto que “[...] o estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Lüdke; André, 1986, p.18). Para além, é necessário registrar o estudo bibliográfico realizado, que se organizou levando-se em conta referências teóricas de materiais já publicados (Fonseca, 2002), que contou com uma pesquisa documental, com o

propósito de compreensão do conceito de AEE no Brasil, e o levantamento das produções relacionadas ao atendimento em meio à pandemia. Esse procedimento de pesquisa utilizou fontes diversificadas e dispersas, especialmente documentos oficiais (Fonseca, 2002). A combinação e a interlocução dos estudos bibliográfico e documental nos permite apreender os aspectos mais latentes atrelados ao Atendimento Educacional Especializado e o seu desenvolvimento durante o período de pandemia, iniciado desde março de 2020.

A revisão bibliográfica, que “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima; Miotto, 2007, p. 36), foi construída com a finalidade de estruturar e dar base à pesquisa. Portanto, o levantamento foi realizado na biblioteca on-line da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) em busca de apresentações recentes sobre o tema; no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, na plataforma de pesquisa do Google Acadêmico, que nos deu acesso a um número considerável de artigos e livros, e na biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO), de artigos publicados em 2020 e 2021 (período considerado auge da pandemia).

Para cumprimento dos objetivos dispostos na pesquisa, utilizaram-se entrevistas com docentes que atuam diretamente em Salas de Recursos Multifuncionais. Como afirma Zago (2003, p. 287), “os instrumentos adotados na coleta de dados somente ganham sentido quando articulados à problemática de estudo”. Sendo assim, se as intenções desta pesquisa levam a conhecer os desafios identificados pelos docentes para a realização dos atendimentos e conhecer estratégias utilizadas por eles no contexto pandêmico, a realização de entrevistas foi a opção considerada mais coerente para esses propósitos. As entrevistas ocorreram com uso de um roteiro semiestruturado, com o objetivo de conhecer os desafios vividos e as estratégias utilizadas pelos docentes neste contexto pandêmico de ensino. Foram convidados os professores dos dois municípios que atuam em Sala de Recursos Multifuncional. Os professores selecionados, ao aceitarem fazer parte da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo as orientações do Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos e as orientações da ANPEd, acrescido de um formulário de apresentação prévia do entrevistado.

As entrevistas foram gravadas, utilizando o recurso de gravação de voz do telefone móvel, para posteriormente serem transcritas na íntegra e os resultados obtidos passarem por análise. Para a análise, foram escolhidos temas trazidos pelos participantes ligados direta ou

indiretamente aos objetivos da pesquisa. No total, foram entrevistados seis professores atuantes no Atendimento Educacional Especializado, sendo eles quatro da rede municipal de ensino de Corumbá/MS e dois do município de Mesquita/RJ.

A análise dos relatos dos entrevistados nos possibilitou identificar os temas: a) Papel do professor no AEE; b) Relação professor da sala regular e professor de AEE; c) Formação continuada; d) Estratégias escolas para a ocorrência de AEE na pandemia; e) Dificuldades – alunos e professor; e f) O AEE na pandemia – visão dos entrevistados.

### 3. Perfil dos entrevistados

Identificamos no quadro abaixo o perfil dos professores entrevistados na pesquisa, não apontando nomes para que assim possamos garantir o sigilo dos entrevistados conforme acordado na TCLE.

**Quadro 1 – Perfil dos participantes**

| Professores                    | Professor 1                   | Professor 2  | Professor 3  | Professor 4   | Professor 5       | Professor 6                                   |
|--------------------------------|-------------------------------|--|--|---|-------------------|---|
| <b>Formação acadêmica</b>      | Pedagogia                     | Letras   | Pedagogia  | Pedagogia   | Pedagogia         | Pedagogia                                     |
| <b>Especialização</b>          | Educação Especial e Inclusiva | Educação Inclusiva; Educação Especial – Deficiência intelectual e múltiplas deficiência. | Educação Especial; Neurociência aplicada à Educação. | Educação Social, Pobreza e Desigualdade e; Educação Inclusiva; Mestrado em Educação em andamento. | Educação Especial | Educação Especial; Especialização em autismo. |
| <b>Tempo de atuação no AEE</b> | 7 anos                        | 2 anos   | 2 anos   | 4 anos  | 10 anos           | 6 anos  |
| <b>Região de atuação</b>       | Corumbá/MS                    | Corumbá/MS   | Corumbá/MS   | Área rural de Corumbá/MS  | Mesquita/RJ       | Mesquita/RJ                                   |

Fonte: Pestana (2022, p. 63).

### 4. AEE X Pandemia

Como já apontado anteriormente, as perguntas foram divididas em eixos com diferentes pontos a serem tratados. Neste artigo apontaremos apenas os resultados referentes à pandemia. Buscamos fazer uma ponte entre as estratégias imediatas tomadas pelas instituições e as estratégias construídas para o andamento do ano letivo e funcionamento dos atendimentos. Vejamos:

*Atendimentos cancelados, a princípio ficamos dando apenas suporte aos professores regentes e de apoio, orientando e conversando pra elaboração de atividades adaptadas (Professor 1 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022).*

*Suspendeu tudo, parou tudo, aí quando voltou [foi] para o ensino remoto (Professor 2 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022).*

*No nosso município ficamos um período sem atividade com os alunos, logo no início. [...] retornamos com as atividades alguns meses depois. No primeiro semestre não tinha aluno em sala, não tinha aluno na escola. [Já] no segundo semestre tinha, mas era escalonado então eram bem poucos alunos que frequentavam a escola, eles vinham até aqui [...] frequentavam a sala de atendimento do AEE uma vez por semana durante uma hora (Professor 3 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

*Nós só retornamos ao trabalho em agosto de 2020 de forma remota. Aulas suspensas e sem contato com os alunos. Algumas vezes tínhamos reuniões com as coordenações e a direção (Professor 6 – Mesquita/RJ. Entrevista, 2022).*

Em unanimidade os entrevistados apontaram ou o cancelamento ou a suspensão, ainda que temporária, desses atendimentos. Ao que se compreende, o ano de 2020, em sua maior parte, foi um ano sem atendimentos, tendo seu retorno, como apontado pelos entrevistados, quase que para o início do 4º bimestre do ano letivo. E esse retorno se direcionando ainda para a construção de estratégias que poderiam ou não funcionar, levando em conta o novo formato de cuidados e as medidas de distanciamento.

Como levantado junto a literatura durante a revisão bibliográfica desse estudo (Conde, Camizão, Victor, 2020), não houve uma orientação específica para as atribuições dos professores do AEE, ou como se organizariam os alunos da educação especial que necessitavam dos atendimentos.

*[...] não observamos aspectos importantes do AEE, a maneira como deve ocorrer esse atendimento durante a pandemia, com a ação colaborativa entre os professores (educação especial e os regentes) ou com orientações para a manutenção do vínculo com esses profissionais. (Conde, Camizão, Victor, 2020, [s.p.]).*

É possível compreendermos que houve uma abertura e repasse de responsabilidade, por parte do Ministério da Educação, para as instituições decidirem e determinarem as direções que deveriam ser tomadas. O Parecer 05 do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2020), considera que

os sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios têm liberdade de organização e poder regulatório próprio, devem buscar e **assegurar** medidas locais que garantam a oferta de serviços, recursos e estratégias para que o atendimento dos estudantes da educação especial ocorra com padrão de qualidade (Brasil, 2020, p. 15. Grifo nosso).

Contudo, como pudemos observar nos relatos, os alunos atendidos na Educação Especial se mantiveram por um longo período sem atividade. Com o passar do ano letivo, e esse formato de distanciamento ainda sendo mantido, novas estratégias foram construídas. Adaptações de materiais, que já eram adaptados, adaptação da maneira de ensinar seja a distância, por vídeo ou aplicativos de mensagens (*WhatsApp*), cada professor se adaptou como pode e/ou como foi orientado. Analisemos:

*Foi proposto atividades adaptadas. Por exemplo, se o conteúdo era sobre capitais e cidades, ia se trabalhar com figuras, imagens, fazer recortes, buscar o material para enviar para o aluno fazer na residência. Então as atividades foram todas remotas nesse final de 2020, havia as visitas também para levar e buscar essas atividades. [...] [Havia o] envio de atividades a cada 15 dias em forma de bloco, para ser desenvolvida em casa. Havia [também] contato via Whatsapp, quando a mãe não entendia, quando o responsável não entendia. E o registro dessa prática em casa, então a foto e o vídeo era muito importante para comprovar que os alunos estavam fazendo (Professor 2 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

*Foi criada uma plataforma que os responsáveis poderiam ter acesso através da internet pra poder acessar as atividades, porém como tínhamos muitos casos de falta de acesso, dificuldade em entender o funcionamento, então além de postar na plataforma nós fazíamos apostilas que eram impressas na escola e o responsável ia uma vez por semana pegar as atividades da semana toda devolvia e pegava uma nova. E assim a gente fez enquanto estávamos em ensino remoto (Professor 5 – Mesquita/RJ. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

*O que tínhamos pra trabalhar no momento eram os grupos de WhatsApp e a plataforma que a prefeitura criou. Colocávamos atividades e vídeos para os alunos acessarem. A questão do grupo do WhatsApp não funcionou para o aluno, então os grupos era mais contato com os pais então eu não tinha contato com o aluno. As atividades que lançávamos na plataforma, era colocada também no WhatsApp para os pais que não conseguiam acessar a plataforma ter acesso a aquele conteúdo. [...] Foi criado um livro de tecido de velcro, com cores, letras e esse livro foi distribuído para os responsáveis e ficavam uma semana e depois eles devolvessem. Ai esse responsável tinha esse compromisso de relatar como foi feito o que ele observou, se ele poderia fazer um vídeo desse momento para que a gente observasse a evolução desse aluno. [...] Eu pensava em atividades minimamente possíveis, porque além do aluno você precisa pensar na pessoa que vai estar do lado do aluno. Essa pessoa sabe ler? Essa pessoa vai entender a proposta? Então mesmo pensando em atividades minimamente possíveis tivemos muitos problemas. [...] Eu, particularmente, fiz uma proposta diferenciada da escola, porque além da atividade física/papel eu gravava um vídeo com uma atividade com materiais recicláveis ou materiais que os pais tinham em casa. Tem uma atividade em especial muito interessante que era [com] um pano de prato e fubá que era pra eles tentarem escrever a primeira letra do nome. Eu orientava que o responsável tinha que pegar o dedinho, colocar a letra do lado no papel pra ele tentar ver e fazer. Então pensar em coisas possíveis para o aluno fazer e em materiais que os responsáveis tinham em casa, porque eu não podia pedir pra ele ir na rua comprar um material colorido, cola, um durex, eu tinha que pensar coisas que ele tinha em casa, então pensar coisas da realidade deles*

(Professor 6 – Mesquita/RJ. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).

Nesses relatos conseguimos observar uma consonância com a literatura levantada para a construção da pesquisa, onde o professor e a tecnologia precisaram se alinhar de maneira abrupta e, na maioria das vezes, sem aporte. Lima (2020), em sua pesquisa com cinco professores de AEE, traz uma visão crítica quanto essa adaptação dos docentes e a utilização das tecnologias.

Ao serem analisadas as estratégias e os recursos pedagógicos que os participantes descreveram [...] outro ponto que pode ser destacado é o fato de os professores terem sido forçados a se adequar à nova realidade e inovar. Aquele que não tinha domínio algum do uso de tecnologias foi obrigado a aprender a utilizar, mesmo que minimamente, recursos para participar das videoconferências e para gravar vídeos, mesmo que com ajuda do professor de Tecnologias Digitais na Aprendizagem, como relatado (Lima, 2020. p. 17).

Ainda sobre as medidas construídas para o andamento do ano letivo, observemos:

*No segundo momento se constatou que nós também deveríamos ter esse contato com o aluno, até mesmo para não perder o vínculo, então fomos orientados a também enviar atividades, coisas lúdicas que pudessem ser realizadas com a família. Quinzenais e às vezes mensais. Também chegou o momento que fomos orientados a fazer visitas, realizar essas atividades com os alunos na casa deles. Até que ocorreu tudo bem. Muitos não mandaram para a aula regular, mas para o atendimento se sentiam seguros de enviar (Professor 1 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

Quando Professor 1 relata que “até que ocorreu tudo bem”, mas em seguida aponta que muitos não eram enviados para o ensino comum, logo vemos que não está tudo bem. Essa visão acaba por colocar o aluno na posição de aluno da educação especial e tão somente responsabilidade dela, negligenciando o todo e qualquer outro aporte pedagógico que ele poderia receber na sala de aula comum, desconsiderando a situação geral do aluno na escola. O que nos causa estranheza já que Professor 1 foi um dos que levantou grande preocupação com o ensino acadêmico desse aluno na sala de aula comum. Então, ainda que Professor 1 compreenda seu papel nesse processo de inclusão dos alunos atendidos, na prática para ele esse aluno não ser ativo na sala de aula comum está tudo bem, logo uma grande controvérsia de ação da docente e de como rege a lei das SRM.

Apesar da existência de leis que ressaltam o direito à educação de qualidade, é necessário buscar a materialização desse direito e isso passa pela reflexão sobre nossa concepção como educadores. [...] a escola também é local de aprendizado para os profissionais que ali trabalham, sendo uma experiência difícil de lidar quando a formação não supre as necessidades que o ambiente da sala de aula exige dos professores para o tão desejado ambiente inclusivo. O entendimento da escola como espaço reflexivo é fundamental para a formação inicial e continuada do professor, assim como para seu exercício docente. (Pereira, Pestana, Kassir, 2021, p. 40).

A pandemia, que teve início o ano de 2020, perdura e isso impõe às instituições



novas adaptações, além das anteriores, e procedimentos para andamento e início de um novo ano letivo. Vejamos:

*Perdurando até agosto de 2021 que foi quando retornamos para a forma híbrida, [...], eu diminuí meus alunos de grupos, [...] então eu diminuí esses grupos que eu atendia, dividi mais esses horários e atendia no máximo 3 alunos juntos porque eu tenho como dar essa distância de um aluno para outro [...] A grande maioria eu tive o retorno, eu criei um grupo de Whatsapp onde trocava mensagens e eu fazia vídeos explicando as atividades e mantive contato, e foi assim que a gente conseguiu desenvolver. [...] (Professor 5 – Mesquita/RJ. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

*O ano de 2021 os atendimentos foram passados para os pais de forma opcional. poderia ser de forma remota ou presencial, os pais é quem decidiam. Se fosse remoto os pais tinham que autorizar a gente ir na casa deles ou então nós preparávamos atividade e deixava na casa dos pais ou os pais buscavam na escola. Os atendimentos também eram uma vez por semana, mas os meus alunos em particular todos optaram por vir à escola e fazer o atendimento de forma presencial e [com] utilização de medidas de biossegurança. [...] Então foi [acordado] que os alunos fossem atendidos caso os pais aceitassem de forma remota, mas o meu caso os alunos preferiram, os pais preferiram, que os alunos viessem aqui na escola [...] (Professor 3 – Corumbá/MS. Entrevista, 2022. Grifo nosso.).*

Seja pelo remoto ou de maneira híbrida, os atendimentos, após longos períodos de suspensão, foram se adaptando de acordo com as necessidades e a realidade de cada instituição. De diversos modos e métodos os professores tentaram manter o andamento desses atendimentos, ainda que com dificuldades no retorno quanto ao desenvolvimento desses alunos ou até mesmo a não participação dos mesmos. Pensar na educação especial de maneira inclusiva no cenário pandêmico não é uma tarefa fácil, o número de envolvidos nesse processo e todos os que rodeiam esse alunado,

a necessidade de diálogo entre professores [regentes, auxiliares, de apoio, da sala de recursos...], pais e alunos, a fim de gerar a motivação necessária para que todos e, principalmente o aluno, se mantenha em atividade, mesmo que de modo remoto e com dificuldades nas circunstâncias do isolamento (Fachinetti, Spinazola, Carneiro, 2021. p. 163).

Para que com isso, esse aluno sofresse as consequências desse período em menor grau, mantendo-os ativo durante todo esse período de isolamento, participantes nesse processo de aprendizagem. Observamos ainda que, essas adaptações mostraram uma vulnerabilidade - um abismo - entre os laços da escola com família, dos professores com a família, da família com a escola. Esse ponto pode ser observado quando tratado de questões pedagógicas, em que o retorno e o acompanhamento da família se mostraram falhas e por vezes inexistentes. Contudo, não se pode deixar de evidenciar que essas dificuldades podem ser vistas como campos em potencial para o trabalho de tempos em pandemia em diante. As dificuldades didáticas e necessidade de afeiçoamento nas metodologias em ensino podem ser um ponto

de partida importante para que se compreenda que há a necessidade de desenvolver métodos para que o aluno aprenda, e não o contrário.

## 5. Considerações Finais

O presente artigo buscou sintetizar os resultados e pontos mais relevantes diante da temática COVID-19 e a inclusão de alunos com necessidades específicas da pesquisa de mestrado. Tomamos como base de pesquisa apenas os municípios de Corumbá no estado do Mato Grosso do Sul e Mesquita no estado do Rio de Janeiro. Estados diferentes, com culturas distintas, distantes em quilômetros, mas que se entrelaçam em um projeto de pesquisa e se unem em um único objetivo, a equidade de ensino.

De maneira enfática e direta apresentamos como ocorreu a oferta desse atendimento em meio à pandemia; e averiguamos os desafios que os docentes apontaram para a realização desses atendimentos, como também detectar as estratégias utilizadas pelas escolas/docentes para a concretização desses atendimentos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, dividimos o trabalho em três etapas, sendo elas: a) compreensão do cenário brasileiro diante de uma pandemia, tal como a educação diante da proliferação de um vírus desconhecido; b) Análise de documentos norteadores à política de Atendimento Educacional Especializado; e c) Tratarmos desses atendimentos na pandemia ou AEE versus pandemia, onde buscamos empreender as entrevistas com os professores dessas salas. Apresentando neste artigo apenas a terceira etapa.

Constatamos, a partir dos relatos dos entrevistados, que a falta de coordenação por parte das instituições públicas dificultou a continuidade – qualidade – da oferta dos atendimentos em meio a pandemia; a inércia dos gestores das escolas em delinear a real função dos professores de AEE delongou o início de um trabalho que já era por si só vagaroso e trabalhoso; a adaptação curricular desenhada pela maioria dos estados e municípios, teve em vista maneiras unilaterais de desenvolvimento, excluindo alguns alunos com dificuldades adversas em sua execução.

Fica evidente na fala dos professores entrevistados um cansaço quanto às tentativas de acerto durante esse período caótico para a educação. Logo, compreendemos que os professores produziram o possível e se prepararam na mesma proporção em que foram assistidos para tentar dar continuidade e qualidade nesses atendimentos.

Tivemos como objetivo a ampliação da compreensão da educação inclusiva como aspecto da política de educação especial e a sua ocorrência em período pandêmico, tendo em vista a ampliação do conhecimento científico quanto à temática do AEE em um período atípico que o mundo ainda segue se recuperando.

## 6. Referências

- ANDRÉ, Marli. LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- BRASIL. **Parecer 05, de 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.
- CAMIZÃO, Amanda Costa. CONDE, Patricia Santos. VICTOR, Sonia Lopes. Pandemia e atividades remotas: possibilidades e desafios para a educação especial. **Revista Cocar**. [online]. 2020, v. 14, n. 30, set./dez., 2020. p. 1-16. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3744>> Acesso em: 28 jul. 2024.
- CARNEIRO, Relma Urel Carbone. FACHINETTI, Tamiris Aparecida. SPINAZOLA, Cariza de Cássia. Educação inclusiva no contexto da pandemia. **Educação em Revista**. Marília-SP, v. 22, n. 01, p. 151-166, 2021.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- KASSAR, M. C. M. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais**. Campinas: Papyrus, 1995.
- KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Inclusão/exclusão na escola. PEREIRA, Greicy Rôa. PESTANA, Mônica Mendes da Cunha. In: NOZU, Washington Cesar Shoití. SILVA, Aline Maira da. AGRELOS, Camila da Silva Teixeira (Orgs). **Pesquisas em Educação Especial em Mato Grosso do Sul**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 309 p.
- LIMA, Fabiana de Oliveira. O atendimento educacional especializado em tempos de ensino remoto: possibilidades e experiências. **Seminário Nacional de Educação Especial/Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**. VI/XVII. 2020. [online], Anais eletrônicos, 2020. p. 1-18.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de Lima. MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, n. esp. P. 37-45, 2007.
- PESTANA, Mônica Mendes da Cunha. **Educação Especial em Contexto de pandemia: Análise do Atendimento Educacional Especializado**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Corumbá (MS), 2022.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na

experiência prática de pesquisa. In ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.